



Hora de dar adeus aos oceanos? (1)

POR REDAÇÃO
- ON 29/08/2018

CATEGORIA: CAPA, COMPORTAMENTO, MEIO AMBIENTE, MUNDO, SOCIEDADE



Série de reportagens expõe retrato de nossa crise civilizatória: pesca industrial maciça devasta os mares e amplia fome e crise social em todo o mundo. Em nome do lucro, ninguém a contém

Por Mort Report | Tradução: Inês Castilho

Blogs

OUTRA SAÚDE
Em defesa do SUS e de sua transformação

JOIO E O TRIGO

TERRA EM TRANSE
Perspectivas críticas sobre turbulências globais

PLANTAR O FUTURO
Um blog de Djalma Nery

CAMINHO PARA CASA
Editor: Mauro Lopes

LUIZA SANSÃO
Segurança Pública e Direitos Humanos

Canal Outras Palavras

Congelamento dos gastos sociais pode cair no STF | PAUTAS INCOMUNS



Assista mais

Nossa livraria online

OUTROS LIVROS

acervo antropofágico

O Minotauro Global
A verdadeira origem da crise financeira e o futuro da economia global

Autor: Yanis Varoufakis
Por R\$ 50,00 (PRÉ-VENDA)

Se você odeia aquelas pequenas fatias de peixe salgado na pizza, Giuseppe Cormaci tem boas novidades. A pesca de anchovas do Mediterrâneo foi um fracasso este ano. Mas isso significa que você não vai encontrar muito robalo suculento, o *branzino*, e muito menos atum azul. Tente, talvez, *linguine* à medusa. “A pesca da anchova caiu pela metade”, me disse Cormaci. Ajeitando seu sovado chapéu, com um sorriso pesaroso de otimista não convicto, ele continuou: “Pode melhorar novamente. E então, de novo, ter uma queda total”.

Assim como o nome de seu barco de 24 pés – Lupo –, ele é um lobo solitário. Seu filho o ajudou durante duas estações de pesca, mas saiu para abrir um bar na praia. Com os poucos euros que lucra depois de subtrair as despesas de combustível, manutenção e redes, na semana de 90 horas, ele não consegue pagar uma tripulação. Aos 50, pertence a uma espécie em risco de extinção: o pescador artesanal.

O mar que ele conhecia tão bem está agora cheio de surpresas. Águas aquecidas trazem águas-vivas em massa — inclusive a venenosa caravela-portuguesa. Um grande tubarão branco cruzou a ilha espanhola de Maiorca. Sobretudo, ele vê barcos-arrastões estrangeiros de alta tecnologia arrancar o que encontram pela frente, destruindo áreas de reprodução.

 Este site é sustentado por seus leitores. Clique aqui para contribuir

Mude o idioma e Cormaci é qualquer um dos incontáveis marujos antigos que entrevistei, nos últimos anos, na Europa, África, Ásia, América Latina e Pacífico. Mudanças climáticas e poluição pioram progressivamente. Aumenta a sobrepesca sem controle. O marketing estimula a demanda, e as frotas comerciais pescam ainda mais intensamente, tudo o que podem.

Os ambientalistas concentram-se em grandes coisas. O nobre atum azul, tão elegante e rápido quanto uma Ferrari em primeira marcha, excita um público geralmente apático. Mas ele janta a arraia-miúda junto à base de uma complexa cadeia alimentar marinha, que é a dieta principal de mais de um bilhão de pessoas. As anchovas dificilmente ficam limitadas à pizza. Filés frescos no azeite de Taggiasca em Alassio, na Itália, valem um dia de viagem. Na Ligúria, como em qualquer outro lugar sob sua influência, elas alimentaram as comunidades costeiras desde sempre.

O mesmo ocorreu com aqueles pequenos arenques, as sardinhas. Quando Portugal fica sem sardinhas, você entende que o fim está perto. Carnudas numa grelha ou enlatadas em óleo apimentado com piri-piri, elas definem uma nação. Mas os estoques caíram de 106 mil toneladas, em 2006, para 22 mil, em 2016. No alto da cadeia alimentar, até a amada pescada da Iberia está se tornando rapidamente mais escassa. No ano passado, a União Europeia retirou as sardinhas do cardápio por 15 anos. O governo português recusou-se a aceitar, forçando um acordo. Os operadores de frota desafiaram a ciência e culpam os concorrentes da União Europeia. Enquanto isso, famílias devoram sardinhas como se não houvesse amanhã.

Recentemente, na hora do almoço em Lisboa, encontrei um típico boteco perto do porto. Sua vitrine era um minúsculo aquário. Perguntei ao garçom se o peixe estava se tornando escasso. “Sim”, disse ele, encolhendo os ombros com indiferença, enquanto servia meu prato com estaladinhos de caranguejo e amêijoas com sardinhas assadas. O vinho verde

dissolveu minha culpa. Ações individuais importam, mas salvar os mares exige um esforço global planejado. Há um oceano somente, e nele a pesca tem ido além da sustentabilidade, ameaçando até mesmo pequenos crustáceos na Antártica. Ganância desenfreada e controvérsia sobre a escala dessa crise impedem ações efetivas.

Os cientistas acompanham de perto, mas é difícil contar peixes. Eles são invisíveis e se movem. Governos e indústria manipulam os dados para evitar o controle. Se são definidas cotas, a frouxa fiscalização possibilita fraudes desenfreadas. Em Roma, a Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO) informa que a pesca anual global chegou perto de 80 milhões de toneladas durante anos. Somando o que é jogado ao mar, não declarado ou capturado ilegalmente, é provável que esteja próxima de 130 milhões. A análise detalhada pressagia uma calamidade.

A piscicultura chega agora quase à mesma quantidade que a pesca selvagem. Supostamente, essa é uma boa notícia. Na verdade, significa que enormes quantidades de “peixes forrageiros” tirados do oceano são cozidos até tornar-se *pellets* ou pasta para alimentar os mais valiosos salmão e atum de cativeiro.

Iniciei minhas viagens sobre pesca em 2011, conduzindo uma equipe do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos. Concentramo-nos na cavala de bronze do sul do Pacífico, dizimada durante décadas para a confecção de farinha de peixe. Um quilo de salmão chileno de criação pode exigir até 4,5 quilos de cavala transportada por redes que causam estragos em criadouros. Daniel Pauly, o eminente oceanógrafo da Universidade da Colúmbia Britânica, considerou a cavala de bronze como os últimos búfalos. “Quando eles tiverem acabado”, disse-me, “tudo estará terminado... Esse é o fechamento da fronteira.” Agora a cavala de bronze está se recuperando. Isso ocorre em parte porque as frotas pescaram tanto, que dispersaram o estoque e não conseguiam mais carregar suas redes. Mas nosso relatório provocou algumas ondas que foram estampadas nas primeiras páginas. Autoridades europeias e norte-americanas reagiram.

Essa é apenas uma espécie, numa remota esquina do mapa. Embora evidencie o que Pauly disse no início: a pilhagem dos oceanos não vai parar, a menos que um grande poder leve a sério assumir a liderança e convencer os outros a agir de forma sustentada. A União Europeia fez alguns progressos, mas Espanha, França e Holanda, entre outros, resistem a medidas mais duras. A China é de longe o maior agressor, rapidamente a

caminho de tornar-se pior. Isso deixa os Estados Unidos, que na época de Barack Obama tentaram assumir a liderança, com pouco sucesso.

As leis do mar da ONU não passam de afirmativas de boa intenção, a não ser que sejam compulsórias; elas raramente são. A supervisão é deixada às ORGP – organizações regionais de gestão da pesca – compostas por funcionários do governo e representantes da indústria. Como as decisões devem ser unânimes, o veto de qualquer país-membro pode bloquear controles efetivos.

Por exemplo, o atum azul quase sumiu sob a guarda de uma ORGP conhecida como ICCAT. (Os ativistas a chamam de Conspiração Internacional para Capturar todo o Atum, em inglês a sigla ICCAT.) Grupos ambientalistas despertaram o interesse público para salvá-lo. Agora, a pressão de governos e operadores de frota o ameaçam novamente. Ao lado do atum azul Atlântico, há apenas dois outros: no Pacífico, principalmente em águas japonesas, e no sul, abaixo da Austrália e da Nova Zelândia. Ambos caíram para cerca de 3% do que eram antes que a pesca comercial os atingisse, gerações atrás.

Obama criou reservas marinhas no Pacífico. John Kerry, como secretário de Estado, convocou uma “cúpula do oceano” global em Washington para angariar apoio. Sob a bipartidária Lei Magnuson-Stevens, de 1976, a Marinha e a Guarda Costeira reprimiram a pesca ilegal nas águas dos EUA. Ajudaram pequenas nações-ilha a rastrear pescadores ilegais em alto mar. Já Donald Trump vê os peixes em termos de lucro imediato e o solo oceânico como fonte de minerais raros ou exploração de petróleo. Ele retrocedeu em muitas das salvaguardas de Obama. Uma versão mais relaxada da lei de 1976, aprovado pela Câmara, encontra-se agora no Senado.

Nesse clima de mudança diplomática, a China abandonou quase toda sua pretensão, construindo frotas sofisticadas para saquear à vontade. Quando Trump senta-se para negociar com Xi Jinping, os peixes não estão no cardápio.

A essa altura, surgem as perguntas óbvias. O que fazer agora? E isso é difícil de responder.

Quando a União Europeia perseguia a pesca ilegal com mais energia, banuiu a importação das nações que trapaceavam. Mas é muito fácil transferir de local as embarcações de captura, de modo a disfarçar sua origem. De qualquer forma, a China tem enorme demanda doméstica e necessidade cada vez menor de exportar.

Educar os consumidores não é suficiente. Falta de informação – em parte uma manobra intencional das pessoas que vendem peixes – pode piorar o problema. “Sustentável” é frequentemente uma palavra da moda falada por aí sem sentido. Quando comecei minha pesquisa, Amanda Nickson, do Fundo Filantrópico Pew, em Washington, culpou a falta de pressão pública. “É como se os médicos lutassem contra o câncer de mama sem quimioterapia, radiação ou cirurgia, e só experimentassem algumas pílulas até que os pacientes morressem”, disse-me ela. Australiana que conhece os fatos e diz o que pensa, ela critica as reuniões da ORGP com outros ambientalistas e cientistas marinhos. Depois de uma reunião frustrante, tomando uma cerveja, refletiu: “Nós só temos que pescar menos peixes, e eles irão durar para sempre.”

Liguei para Nickson semana passada para uma atualização. A despeito de algumas vitórias, disse ela, os peixes estavam perdendo a batalha. Muito pode ser feito – e é feito –, como novas reportagens irão mostrar. Mas o problema é altamente complexo, mais humano que pisciano. Aqui no plácido porto de Alessio, pequenas vinhetas tornam a cena terrivelmente clara. Tantos africanos que se afogam além do horizonte estão fugindo desesperadamente do destino enfrentado pelo velho marujo Giuseppe Cormaci. Grandes frotas aniquilam o que sobrevive a águas quentes, correntes alteradas, lixo de plástico e mudanças na química do mar. Quando seu sustento se vai, eles rumam ao norte.

Se suas anchovas sucumbirem, o atum azul também sucumbirá. No final, tudo se reduz a vontade política. Cidadãos conscientes podem abdicar do delicioso sashimi de barriga de atum, mas outros não, independentemente do preço. As autoridades precisam estabelecer limites – e aplicá-los. Em minha mente, sou assombrado por uma imagem recorrente. Quando a última fatia de *toro* for talhada de uma barriga de atum azul, ele vai acabar, contemplado e não consumido, numa mesa de bufê nos jardins de [Mar-a-Lago](#), [o fabuloso resort da Flórida frequentado por milionários e usado por Donald Trump para receber convidados ilustres].

Link: <https://outraspalavras.net/capa/hora-de-dar-adeus-aos-oceanos-1/>